

## Aliocha, o Pote

Aliochka (1) era o mais novo dos irmãos. Apelidaram-no Pote porque, certa vez, sua mãe o mandara levar um pote de leite à mulher do diácono, mas ele tropeçou e quebrou-o. Sua mãe deu-lhe uma surra e as crianças começaram a provocá-lo, chamando-o de “Aliochka, o Pote”. Esse passou a ser o seu apelido.

Aliochka era um menino mirrado, com orelhas de abano (suas orelhas pareciam asas), e seu nariz era grande. As crianças provocavam-no: “O nariz do Aliochka parece um pau entre duas corcundas”. Na aldeia havia uma escola, mas Aliocha não conseguiu aprender e tampouco tinha tempo para se educar. Seu irmão mais velho vivia na cidade, na casa de um comerciante, e Aliochka começou a ajudar o pai desde criança. Com apenas seis anos de idade, ele pastoreava ovelhas e vacas com sua pequena irmã pelos campos e, depois de crescer um pouco, começou a pastorear cavalos dia e noite. A partir dos doze anos, ele já arava a terra e guiava uma carroça. Faltava-lhe força, mas não lhe faltava habilidade. Estava sempre alegre. As crianças riam dele, ele calava-se ou ria. Se o pai o repreendia, ele calava-se e escutava. Mal terminavam de repreendê-lo, ele sorria e começava a fazer o trabalho que estivesse à sua frente.

Aliocha tinha dezenove anos de idade quando seu irmão foi recrutado como soldado. E o pai mandou-o para a casa do comerciante, no lugar do irmão, como caseiro. Deram a Aliocha as botas velhas do irmão, uma *chapka* (2) do pai e uma *podiovka* (3), e o levaram à cidade. Aliocha mal se continha de felicidade naquela roupinha, mas sua aparência não agradou ao comerciante.

- Eu pensei que você traria um homem de verdade para ocupar o lugar de Semion – disse o comerciante, lançando um olhar para Aliocha.
- E você chega aqui com um fedelho desses. Para que ele presta?
- Ele pode fazer tudo: atrelar cavalos, ir para um lado e outro e trabalhar duro. Apenas sua aparência é a de um galho seco, mas ele é forte.
- Se é assim, então, logo veremos.

- E, além de tudo, ele é manso. Dá gosto vê-lo trabalhar.
- Fazer o quê? Que fique, então!

E Aliocha passou a viver naquela casa.

A família do comerciante não era grande: compunha-se de sua mulher, da velha mãe, do filho mais velho – casado, quase sem estudo, e que trabalhava nos negócios do pai -, de um segundo filho, estudado e que, depois de concluir o curso ginasial, fora expulso da universidade e vivia com os pais, e de uma filha mais nova, ainda ginasiana.

No começo, Aliocha não agradou, pois seus hábitos eram grosseiros, vestia-se mal, não tinha bons modos e tratava a todos por “você”, mas logo foram se acostumando com ele. Aliocha trabalhava ainda melhor do que seu irmão. Era, de fato, manso: mandavam-no fazer tudo, e ele fazia tudo com gosto e rapidez, passando, sem descanso, de um serviço a outro. E assim, a exemplo do que acontecia em sua casa, ali também todos os serviços recaíam sobre ele. Quanto mais fazia, tanto mais tarefas acumulavam-se. A patroa, a mãe do patrão, a filha, o filho, o caixeiro, a cozinheira, todos o mandavam ora para cá ora para lá, obrigando-o a fazer isto e aquilo. Ouvia-se apenas: “Corra aqui, irmão!”, ou: “Aliocha, faça isto! Mas será que você se esqueceu de fazer aquilo? Olhe lá, Aliocha, não se esqueça!”. E Aliocha corria, e fazia, e era cuidadoso, e não se esquecia, e dava conta de tudo e sorria sempre.

Em pouco tempo, as botas que pertenceram a seu irmão ficaram rotas, o patrão ralhou com ele porque ele andava com elas em farrapos e os dedos à mostra, e mandou-o comprar um par novo na feira. Embora as botas fossem novas, e Aliocha estivesse feliz com elas, seus pés continuavam velhos, doíam-lhe à noite devido ao corre-corre, e ele irritava-se com eles. Aliocha temia que seu pai pudesse se aborrecer quando, ao chegar para receber o dinheiro, o comerciante descontasse do salário a quantia gasta nas botas.

No inverno, Aliocha levantava-se antes do amanhecer, rachava lenha, depois varria o quintal, alimentava a vaca, o cavalo, e dava-lhes de beber. Depois, acendia as *piétchkas* (4), engraxava as botas, escovava a roupa do patrão, acendia os samovares, limpava-os; depois, ou o caixeiro chamava-o para carregar a mercadoria, ou a cozinheira mandava-o sovar a massa e limpar as caçarolas. Depois, mandavam-no ir à cidade, quer para levar um bilhete, quer para pegar a filha da patroa no ginásio, ou para comprar unguento para a velha. “Onde você estava, maldito?” – diziam-lhe ora um, ora outro. “Pra quê? Aliocha faz rapidinho. Aliochka! Oh Aliocha!” E Aliochka corria.

Ele engolia o desjejum e raramente chegava a tempo para almoçar junto com todos. A cozinheira xingava-o porque ele aparecia depois de

todos mas, apesar disso, sentia pena dele e guardava-lhe comida quente para o almoço e para o jantar. Havia especialmente muito trabalho antes e durante as festas. E Aliocha alegrava-se durante as festas, sobretudo porque, nesses dias, davam-lhe algumas gorjetas que, embora pequenas, e somassem sessenta copeques, eram, enfim, o seu dinheiro. Ele podia gastá-lo como bem desejasse, já que nunca via o seu próprio ordenado. Seu pai chegava, pegava o dinheiro com o comerciante e não parava de xingar Aliocha porque ele havia estragado as botas em pouco tempo.

Quando juntou dois rublos do dinheiro das “gorjetas”, comprou, a conselho da cozinheira, uma malha de lã vermelha e, quando a vestia, não conseguia tirar dos lábios o sorriso de prazer.

Aliocha falava pouco; quando falava, era sempre entrecortado e breve. E quando lhe mandavam fazer alguma coisa, ou perguntavam-lhe se ele podia fazer isto e aquilo, ele sempre respondia sem pensar: “Posso tudo” - e, em seguida, arregaçava as mangas e fazia.

Precis, ele não sabia nenhuma, tinha se esquecido das que sua mãe lhe ensinara, no entanto, rezava à sua maneira, de manhã e à noite, persignando-se com as mãos.

Assim, Aliocha viveu um ano e meio; e, de repente, na segunda metade do segundo ano, deu-se o mais estranho fato de sua vida. Tal fato consistia na surpreendente descoberta de que, além das relações humanas que as pessoas mantêm entre si por necessidade, existem outras relações bem especiais: diferentes daquelas que consistem em limpar botas, carregar compras ou atrelar cavalos. Em que uma pessoa simplesmente precisa da outra, desejando servi-la e agradá-la, e que ele próprio, Aliocha, era uma pessoa assim. Ele soube disso pela cozinheira Ustinia. Ustiucha (5) era órfã, jovem e tão trabalhadeira quanto Aliocha. Ela passara a sentir pena dele e, pela primeira vez, Aliocha compreendeu que ele, que a sua própria pessoa - e não os seus serviços - mas que ele era necessário a outro ser humano. Quando sua mãe sentia compaixão por ele, Aliocha sequer percebia, parecia-lhe que assim deveria ser, e que era algo totalmente natural, como se ele próprio se compadecesse de si mesmo. Mas então, Aliocha percebeu de repente que, embora Ustinia fosse-lhe totalmente estranha, ela sentia pena dele, guardava-lhe *kacha* (6) com manteiga numa vasilha e, enquanto ele comia, ela olhava-o com o queixo apoiado no braço em mangas arregaçadas. Ele lançava-lhe um olhar, ela sorria, e ele também sorria.

Aquilo era tão novo e estranho que, no começo, Aliocha ficou assustado. Ele sentiu que o incomodaria servir como havia servido até então. Mas, apesar de tudo, estava feliz e, quando via suas calças cer-

zidas por Ustinia, meneava a cabeça e sorria. Quando trabalhava, ou ia para um lado e outro, lembrava-se sempre de Ustinia e dizia: “Ah, mas essa Ustinia!” Ustinia ajudava-o quando podia, e ele também a ajudava. Ela contou-lhe sua sina, como ficara órfã, como fora acolhida por uma tia, como a mandaram para a cidade e como o filho do comerciante a assediava e ela o pusera em seu devido lugar. Ustinia gostava de falar, e Aliocha escutava-a com prazer. Ele ouvia dizer que, frequentemente, acontecia de os mujiques que vivem nas cidades casarem-se com as cozinheiras. E, certa vez, ela perguntou-lhe quando o casariam. Ele disse que não sabia, e que não queria se casar com nenhuma moça da aldeia.

– Quer dizer que você já tem alguém em vista. – disse ela.

– Sim, eu me casaria com você. Será que você casaria?

– É... bobo, bobo... Mas sabe direitinho o que falar - disse ela, batendo-lhe com o pano de prato nas costas. – E por que não casar?

Antes da Quaresma, o velho foi à cidade para receber o dinheiro. A mulher do comerciante ficara sabendo que Aleksei queria se casar com Ustinia, e aquela notícia não lhe agradara.

– Ela vai engravidar e, com uma criança, para que vai servir? - disse ela ao marido.

O comerciante entregou o dinheiro ao pai de Aleksei.

– E então, como é que ele está indo? – perguntou o mujique. – Eu disse que ele é manso.

– É, manso, manso, mas meteu bobagens na cabeça. Inventou de se casar com a cozinheira. Eu não quero manter empregados casados. Isso não me convém.

– Bobo, bobo, mas o que ele inventou? – disse o pai. Não se preocupe. Eu o farei desistir.

Chegando à cozinha, o pai sentou-se ao lado da mesa e ficou à espera do filho. Aliocha, que corria com seus afazeres, voltou ofegante.

– Pensei que você fosse sensato. Mas o que você inventou? – disse o pai.

– Eu? Nada.

– Como nada? Você quer se casar. Eu o casarei quando chegar a hora, e casá-lo-ei com a pessoa certa, e não com qualquer puta da cidade.

O pai falou muito. De pé, Aliocha suspirava. Quando o pai terminou, Aliocha sorriu.

– Então, eu posso desistir.

– Veja lá.

Quando o pai saiu, Aliocha ficou só com Ustinia e contou-lhe (ela ficara parada atrás da porta, escutando enquanto o pai falava com o filho):

– Nosso caso não deu certo. Escutou? Ele ficou bravo e não permite. Ustinia pôs o rosto no avental e começou a chorar baixinho.

Aliocha estalou a língua.

– Tenho de obedecer. Não tem jeito, preciso desistir.

À noite, quando a mulher do comerciante mandou Aliocha fechar o postigo, ela disse-lhe:

– E então, escutou o seu pai, desistiu das suas bobagens?

– Claro que desisti. – Aliocha disse, riu, e chorou em seguida.

Desde então, Aliocha não falou mais sobre casamento com Ustinia e continuou a viver como antes.

Na Quaresma, o caixeiro mandou-o retirar a neve do telhado. Ele subiu no telhado, limpou tudo, começou a arrancar os cristais de gelo presos à calha, seus pés deslizaram e ele caiu com a pá nas mãos. Por infelicidade, não caiu sobre a neve, mas sobre a cobertura de ferro da entrada. Ustinia e a filha da patroa correram até ele.

– Machucou-se, Aliocha?

– Não, não me machuquei. Nada.

Ele tentou levantar-se, mas não conseguiu, e sorriu. Levaram-no para o seu quarto. Chamaram um enfermeiro. Ele o examinou e perguntou-lhe onde lhe doía.

– Dói tudo, mas não é nada. Só que o patrão vai ficar bravo. É preciso avisar o papai.

Aliocha passou dois dias e duas noites acamado e, na terceira manhã, chamaram o pope.

– Você não vai morrer, vai? – perguntou Ustinia.

– Fazer o quê? Será que vamos viver para sempre? Um dia será preciso, - replicou rapidamente Aliocha, como de costume. – Obrigado, Ustiucha, por ter se compadecido de mim. Viu como foi melhor não nos terem permitido casar? Do contrário, como seria? Agora tudo está bem.

Rezou, junto com o pope, apenas com as mãos e com o coração. E, em seu coração, havia o sentimento de que, se aqui é bom para aquele que obedece e não ofende, também lá será bom.

Aliocha falava pouco. Pedia apenas que lhe dessem de beber e, o tempo todo, surpreendia-se com alguma coisa.

E, surpreso com alguma coisa, estirou-se e morreu.

São Paulo, 14 de novembro de 2005.

## Notas

1. Diminutivo de Aliocha. Aliocha: diminutivo de Aleksei. (N.T.)
2. Típico chapéu russo, usado no inverno. (N.T.)
3. Típico casaco usado pelos mujiques. (N.T.)
4. Típico forno-fogão de tijolos e barro, usado para cozinhar, assar e aquecer a casa. (N.T.)
5. Espécie de mingau (de grãos, legumes ou tubérculos) muito comum nas refeições russas. (N.T.)
6. Diminutivo de Ustinia. (N.T.)